

Identidade e Educação sob a ótica de Habermas e Mead: construindo o estado de conhecimento de uma tese

Cledes Antonio Casagrande ¹
Programa de Pós-Graduação em Educação-PUCRS

RESUMO - O tema deste artigo versa sobre a construção da identidade pessoal em contextos simbólicos, mediante processos formativos. Temos como objetivo principal, apresentar uma possibilidade de estado de conhecimento para uma tese a partir do tema enunciado. Buscamos averiguar a relação existente entre os processos de construção da identidade e a educação a partir dos aportes teóricos de Habermas e de Mead, respeitando a hipótese de que a formação da identidade pressupõe processos contínuos de inserção social e cultural. Para tal, recorreremos à produção teórica existente no Banco de Teses da CAPES, a artigos publicados no GT-17 da ANPED e a periódicos internacionais, através de leitura flutuante e de análise das fontes que se enquadram na delimitação temática. Percebemos que a produção nacional acerca do tema mencionado é exígua se comparada à produção existente em língua inglesa. Desse modo, entendemos que este tema, como aqui delimitado, foi pouco abordado até o momento, merecendo melhor aprofundamento.

Palavras-chave: Identidade; Educação; Jürgen Habermas; George H. Mead.

Identity and Education under Habermas and Mead's view: building the state of knowledge of a thesis

ABSTRACT - *The argument of this thesis deals about the construction of personal identity in the symbolic contexts related to formative processes. The main objective is to present a possibility of state of knowledge to a thesis from the enunciated argument. We have aimed to investigate the existing relation among the processes of construction of identity, and the education, from Habermas and Mead's theoretical approaches, by respecting the hypothesis that the formation of identity presupposes continuous processes of social and cultural inclusion. For this reason, we have revisited the existing theoretical production in the Thesis Bank at CAPES, the articles published at the GT-17 of ANPED, international periodicals through floating reading and the analysis of sources framed in the thematic boundaries. We have realized that the national production about the argument mentioned is limited if it is compared to the actual production in the English language. This way, we understand that the argument, as focused here, has been little discussed up to the present moment, and it deserves to be better examined.*

Keywords: Identity; Education; Jürgen Habermas; George H. Mead.

¹ Licenciado em Filosofia. Mestre em Educação – UNIJUÍ. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação – PUCRS. Contato: <cledescasagrande@terra.com.br>.

Introdução

Vivenciamos certa crise na esfera educacional. Tal afirmação é corrente tanto nos círculos acadêmicos quanto nos do senso comum. Vários autores têm afirmado que essa crise educacional coaduna-se com certa crise da racionalidade, sendo expressão de uma necessária ruptura nos fundamentos racionais que erigiram a sociedade moderna. Disso se desprende que o modelo de racionalidade atual não mais responde adequadamente aos desafios que uma sociedade pós-moderna impõe aos diversos indivíduos.

Diante de tal quadro de instabilidade teórica e de dificuldade de fundamentação dos processos formativos e das práticas escolares, nos perguntamos: sob quais princípios teóricos é possível conceber os processos de subjetivação e de formação das identidades individuais dos diversos sujeitos sociais? Como a Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas desenvolve a hipótese formulada por George Herbert Mead de que os processos de individuação têm substrato social e simbólico, ocorrendo no meio linguístico? Como se dá a leitura de Habermas e de Mead, especialmente da noção de socialização individuadora, nos meios de pesquisa acadêmica em educação no Brasil?

Nesse sentido, o presente artigo quer ser uma leitura compreensiva acerca do que se produziu no Brasil sobre o referido tema. Tem como tema de fundo a relação entre a crise da racionalidade moderna e a emergência de um novo modo de racionalidade, a comunicativa. Discute a necessidade de um novo

entendimento acerca da formação da identidade dos diversos sujeitos sociais.

Além disso, este artigo quer compilar elementos e fontes que subsidiem a construção de uma tese específica. Para tal, recorreremos à pesquisa bibliográfica acerca do tema proposto, à leitura flutuante em bancos de dados nacionais, como o Banco de Teses da CAPES, à análise das produções teóricas do GT 17 da ANPED e a buscas em periódicos internacionais.

Apresentaremos, num primeiro momento, a delimitação temática que realizamos para a construção da tese e algumas considerações introdutórias acerca do nosso tema de pesquisa. Num segundo momento, procederemos com uma análise quantitativa e uma categorização simples da leitura flutuante de nossas fontes. Num terceiro momento, faremos uma análise qualitativa dos dados levantados, bem como, um exercício de compreensão hermenêutica dos principais conceitos implicados, a saber: identidade, subjetividade, intersubjetividade e educação. Ao mesmo tempo, apresentaremos novos elementos conceituais encontrados nas leituras realizadas. Dentre esses, destacam-se as tentativas de crítica a Habermas e a Mead. Finalmente, apontaremos algumas considerações sobre o estudo realizado e os possíveis encaminhamentos acerca do tema em questão.

1 Delimitação e aproximação temática: considerações iniciais

Todo projeto educativo possui, dentre

seus principais elementos constitutivos, uma concepção de ser humano, de identidade e de sociedade. Para pensar qualquer processo de formação, necessitamos responder a seguinte questão: que tipo de pessoa, que ser humano e que sociedade desejamos formar? Essa pergunta é central porque entendemos ser a educação um processo de humanização, de constituição do homem e, ao mesmo tempo, da sociedade.

A concepção antropológica vigente no campo educacional é decorrente de um modelo de racionalidade que se encontra na berlinda. Com o advento da pós-modernidade surge um processo de questionamento dos pressupostos que fundamentavam o modelo de subjetividade e de identidade do período moderno. O sujeito moderno, pautado num ideal de razão e auto-entendimento solipsista, sofre contestações e entra em crise. Entendemos que o processo de contestação do padrão da subjetividade moderna leva a uma crise da identidade, bem como, num processo de transformação e de fragmentação de um modelo de racionalidade e de subjetividade até então dominantes. De acordo com Hall,

estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um 'sentido de si' estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma 'crise de identidade' para o indivíduo. (HALL, 1999, p.09).

Diante desse quadro de desestabilização dos modelos tradicionais de identidade e de formas de se conceber a

subjetividade, cabe-nos a tarefa de perscrutar os pressupostos principais a partir dos quais nos é facultada a compreensão da formação humana num contexto pós-moderno, de modo que seja possível apontar referenciais e supostos que viabilizem a efetivação de processos formativos e educacionais. Entendemos ser tarefa da educação esclarecer as bases a partir das quais serão erigidos os processos de ensino e de aprendizagem.

No contexto da pós-modernidade, uma das leituras possíveis acerca dos supostos que sustentam um ideal de formação humana consiste na noção de que o ser humano constitui-se mediante a aprendizagem, no recurso ao mundo da vida e ao agir comunicativo. Ele não nasce pronto ou predefinido. Nasce como possibilidade, referido ao outro, à cultura e à história. Por isso, podemos defini-lo como um ser em constante construção e reconstrução, um ser histórico, social e circunstanciado. Disso decorre que os conceitos de subjetividade e de identidade passam a ter estreita correlação com o de intersubjetividade.

Tal concepção nos remete às construções teóricas de Jürgen Habermas. Para este autor, diante de um quadro de crise dos pressupostos da racionalidade e da subjetividade moderna, faz-se necessário assumir um novo modelo de racionalidade, a comunicativa. No viés da racionalidade comunicativa, Habermas entende que a construção da personalidade ancora-se em processos intersubjetivos e efetiva-se no solo fértil de um mundo da vida compartilhado entre os diversos sujeitos sociais. Consoante a George Herbert Mead, entende que a identidade

do eu é constituída mediante processos de socialização.

Habermas argumenta que o modelo da ação comunicativa é o que melhor explica a reprodução social e a formação dos sujeitos, pois possibilita a compreensão da vida humana como um processo de estruturação simbólica a partir das relações intersubjetivas mediadas pela linguagem.

Se partirmos de que a espécie humana se mantém através das atividades socialmente coordenadas de seus membros, e que essa coordenação deve estabelecer-se mediante a comunicação – e em certos âmbitos centrais mediante uma comunicação endereçada a um consenso – então a reprodução da espécie requer também o cumprimento das condições de uma racionalidade imanente à ação comunicativa (HABERMAS, 2003a, p. 506).

O humano diferencia-se das outras espécies animais por desenvolver-se simbolicamente, dotando a própria existência e o mundo ao seu redor de sentido. Além dos elementos biológicos e hereditários, confluem no processo de humanização elementos simbólicos, culturais e sociais. Ou seja, ao nascer, o homem adentra num mundo simbolicamente estruturado, no qual entrará em contato com outros humanos e com uma cultura específica. Desse contato e mediante processos de aprendizagem, singulariza-se ao mesmo tempo em que se socializa.

De acordo com Habermas, para entendermos os modos de individuação e de socialização, necessitamos compreender a aprendizagem superando a perspectiva objetivista da psicologia. Nesse sentido, o recorte da psicologia social de Georg Herbert Mead mostra-se profícuo, pois para Habermas (2003b, p. 11), “Mead analisa os fenômenos da

consciência desde o ponto de vista de como eles se constituem no seio das estruturas da interação mediada pela linguagem, ou mediada por símbolos”.

O modelo de abordagem de Mead é o da interação comunicativa, mediante a qual ao menos dois organismos reagem um ao outro. A linguagem tem função determinante para a configuração da forma sociocultural de vida. Nesse sentido Mead (1992, p. 244) afirma: “no homem, a diferenciação funcional através da linguagem dá lugar a um princípio de organização funcional completamente diferente, que produz não somente um tipo de indivíduo, mas também uma sociedade distinta”.

Desse modo, Habermas entende que a individuação dos sujeitos não ocorre de modo direto ou por herança genética. Os sujeitos humanos, capazes de fala e de ação, sofrem processo de individuação na medida em que passam a ser membros de uma comunidade de linguagem e de um mundo da vida partilhado intersubjetivamente. Esse processo de individuação mediante a linguagem é, simultaneamente, ontogenético e filogenético, ou seja, pela interação entre os indivíduos formam-se, respectivamente, as estruturas da personalidade e, ao mesmo tempo, as estruturas intersubjetivas da sociedade.

George H. Mead constrói seu conceito de identidade pessoal em dois níveis, através da distinção entre identidade de papéis e identidade do eu. A aquisição da identidade de papéis sociais ocorre por um processo de internalização, por parte de um indivíduo, de uma identidade que lhe é atribuída mediante o processo socializatório, de modo que seja capaz

de agir de maneira convencional ou segundo papéis sociais legítimos. Trata-se, em suma, da internalização das normas sociais e da introjeção da perspectiva do outro de modo que se forme, em contextos interativos, uma noção de si mesmo. A identidade do eu, uma identidade pós-convencional, pode ser compreendida numa dupla acepção: a partir do prisma de um agir com fim universal – pautado na ação comunicativa, mediante o discurso e a argumentação – e da configuração de sentido para a própria existência. Tal identidade abre a possibilidade de um auto-entendimento de si, permitindo ao sujeito agir autonomamente e de modo responsável diante de si mesmo, da sociedade e da cultura.

Num nível convencional o sujeito se reconhece ao assumir as normas sociais convencionadas ou a perspectiva do ‘outro generalizado’. Ou seja, assume, de modo não reflexivo, a vontade coletiva mediante a qual ele não tem possibilidade de se reconhecer completamente enquanto ser autônomo, original e insubstituível. Para Habermas, isso indica a necessidade da passagem para um nível mais elevado de identidade, uma identidade que abarque a pluralidade de manifestações do eu: a identidade pós-convencional. Segundo Habermas (2003b, p. 144), essa identidade-eu pós-convencional “capacita uma pessoa para realizar-se a si mesma sob as condições de um comportamento autônomo”, a manter uma relação reflexiva em relação ao mundo e em relação a si mesma, a assumir a condução da própria vida de modo responsável e, ao mesmo tempo, possibilita ser reconhecida enquanto ser humano individual capaz de fala e de ação.

No nível da identidade de papéis a pessoa se entende a si mesma respondendo, com a ajuda de predicados atribuídos, à questão de qual tipo de homem é (chegou a ser), de que caráter possui (adquiriu). No nível da identidade do eu, a pessoa se entende de outra maneira, a saber: respondendo à questão de quem ou de que classe de homem quer ser. A orientação em direção ao passado é substituída por uma orientação em direção ao futuro, que faz com que o passado se converta em problema (HABERMAS, 2003b, p. 153).

A esse novo tipo de identidade exigida, a identidade pós-convencional, corresponde um processo progressivo de individuação, de autonomia, de autodeterminação e de auto-realização. Ao referir-se a si mesmo como ‘eu’, o falante demonstra que pode ser identificado enquanto ser genérico como capaz de fala e de ação e, ao mesmo tempo, enquanto indivíduo circunstanciado, capaz de agir autonomamente e de dar continuidade à sua própria vida, assumindo-a e responsabilizando-se por ela.

Se levarmos em conta a intuição de Habermas e os aportes de Mead, uma ampla questão se descortina para nós: a possibilidade de entender o desenvolvimento da subjetividade e da identidade a partir dos pressupostos da intersubjetividade e no recurso à estruturação simbólica do mundo da vida. Isso possibilitar-nos-ia repensar os supostos a partir dos quais se estruturam os processos formativos de nossa sociedade, em especial, os processos de aprendizagem escolares.

2 Seleção e categorização dos dados da pesquisa

Após uma primeira aproximação ao tema que nos propomos discutir, passamos, a seguir, a discorrer sobre a metodologia utilizada, bem

como, sobre a análise preliminar dos dados encontrados em nossa pesquisa.

A busca e a seleção dos textos – artigos e teses – foram realizadas a partir do interesse temático e conceitual, com a seguinte delimitação: i) Racionalidade Comunicativa; ii) Jürgen Habermas; iii) George Herbert Mead; iv) Intersubjetividade; v) Socialização; vi) Subjetividade; vii) Identidade. Utilizamos um modo de busca que associava duas ou três das categorias anteriores, priorizando os resultados em que se constatava sintonia entre os termos ‘Habermas’ e ‘Mead’.

Os textos foram selecionados a partir de pesquisa no banco de dados da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e em bancos de dados internacionais, como descritos a seguir.

2.1 Banco de dados da ANPED

A coleta abarcou textos publicados (trabalhos completos e trabalhos encomendados) desde a 23ª Reunião Anual (ano de 2000) até a 33ª Reunião Anual (ano de 2009) e pautou-se nos seguintes critérios:

a) Busca de textos completos publicados no referido *site*, concernentes ao GT 17 – Filosofia da Educação.

b) Seleção dos textos a partir do interesse e da delimitação temática já descrita anteriormente.

c) Selecionados sete textos que possuíam correlação com a temática apresentada. Após a leitura dos mesmos,

optamos por utilizar apenas quatro artigos para a análise conceitual, a saber:

I – A racionalidade comunicativa de Habermas e a possibilidade contemporânea de crítica e de objetividade nas pesquisas em educação (DEVECHI, 2009).

II – O sujeito da educação no horizonte da intersubjetividade comunicativa (MENDES, 2007).

III – Racionalidade comunicativa e interação pedagógica: em busca de mediação (ZASLAVSKY, 2006).

IV – O consenso como perspectiva de emancipação: implicações educativas a partir da teoria da ação comunicativa de Habermas (GOMES, 2006).

2.2 Banco de Teses da CAPES

A coleta dos textos no banco de dados da CAPES priorizou a pesquisa em teses de doutoramento. Foram analisadas cinco teses que possuíam alguma relação com a delimitação temática descrita. Destas, optamos por utilizar, para este estudo, apenas duas, a saber:

I) Estruturas normativas da teoria da evolução social de Habermas (BANNWART JÚNIOR, 2008).

II) A ação educativa na perspectiva da teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas: uma abordagem reflexiva. (LONGHI, 2005).

Quadro 1 - Categorização dos artigos coletados:

Artigos/ Categorias	I	II	III	IV
Racionalidade Comunicativa	Sim	Sim	Sim	Sim
Jürgen Habermas	Sim	Sim	Sim	Sim
George H. Mead	Não	Não	Não	Não
Intersubjetividade	Sim	Sim	Sim	Sim
Socialização	Não	Sim	Não	Sim
Subjetividade	Não	Sim	Não	Não
Identidade	Não	Sim	Não	Não
Outros conceitos presentes no artigo	Perspectivismo epistêmico	Pensamento pós-metafísico	Pragmática universal; Interação pedagógica	Consenso e emancipação

Quadro 01: Artigos oriundos do banco de dados da ANPED.

Quadro 2 - Categorização das teses coletadas:

Teses/ Categorias	I	II
Racionalidade Comunicativa	Sim	Sim
Jürgen Habermas	Sim	Sim
George H. Mead	Não	Não
Intersubjetividade	Sim	Sim
Socialização	Sim	Não
Subjetividade	Sim	Não
Identidade	Sim	Não
Outros conceitos presentes na Tese	Aprendizagem; Interação; Evolução social; Homologia ontogenética;	Agir comunicativo; competência comunicativa;

Quadro 02: Teses oriundas do banco de teses da CAPES.

2.3 Periódicos Internacionais

Encontramos nos periódicos internacionais, acessados a partir da CAPES, grande quantidade de artigos científicos disponíveis sobre o tema abordado. Trata-se, fundamentalmente, de produções na língua inglesa. Diante da impossibilidade de pesquisarmos em todas as fontes disponíveis, optamos pelos seguintes critérios de seleção:

a) Pré-seleção de 11 textos a partir do interesse e da delimitação temática já descrita anteriormente.

b) Após a leitura superficial dos mesmos, optamos por utilizar apenas três para a análise conceitual. O terceiro texto foi escolhido por estabelecer uma crítica ao modelo teórico de Habermas, especialmente a abordagem da constituição do *self* a partir da teoria psicológica de George Herbert Mead.

c) Os três artigos analisados são:

I – Mead, intersubjectivity, and education: the early writings (BIESTA, 1998).

II – Negative autonomy and the intuitions of democracy (WEBER, 2006).

III – Language, self, and lifeworld in Habermas’s theory of communicative action (McINTOSH, 1994).

Quadro 3 - Categorização dos artigos analisados:

Artigos/ Categorias	I	II	III
Racionalidade Comunicativa	Não	Não	Não
Jürgen Habermas	Não	Sim	Sim
George H. Mead	Sim	Sim	Sim
Intersubjetividade	Sim	Sim	Sim
Socialização	Sim	Sim	Sim
Subjetividade	Sim	Sim	Sim
Identidade	Sim	Sim	Sim
Outros conceitos presentes no artigo	Autoconsciência; Interacionismo simbólico; educação e intersubjetividade	Democracia; Autonomia; Axel Honneth	Crítica à linguagem e ao conceito de mundo da vida
<i>Quadro 03: Artigos oriundos de bancos de dados internacionais.</i>			

3 Contribuições e principais conceitos da pesquisa realizada

Apresentaremos, a seguir, as principais contribuições e conceitos que encontramos na pesquisa realizada. Trata-se de novas perspectivas de abordagem e de compreensão do problema, além de novos elementos para a discussão do tema em questão. Destacamos que as contribuições aqui expostas têm caráter provisório, merecendo maior estudo e análise posteriores.

a) Racionalidade Comunicativa e a Teoria da Ação Comunicativa

O conceito de racionalidade comunicativa é muito caro para Habermas. Ele entende que a racionalidade comunicativa pode

fazer frente ao uso deturpado que a modernidade fez da razão, especialmente o extremado acento na dimensão instrumental da mesma. Diante do esfacelamento e da contestação da racionalidade moderna, Habermas entende que uma nova concepção de razão deveria ser privilegiada: a comunicativa.

Neste sentido, Devechi (2009), argumenta que diante de uma situação de instabilidade conceitual, oriunda da crise do paradigma da racionalidade moderna, a racionalidade comunicativa emerge como possibilidade de superação do perspectivismo epistêmico. Para Devechi (2009, p. 04), a “racionalidade comunicativa tem a ver com a forma com que os sujeitos linguísticos fazem uso do conhecimento”. Não se trata mais de um uso instrumental da razão, mas da necessidade de os diversos sujeitos, juntos, alcançarem

consensos acerca do mundo objetivo, subjetivo e social. O acento passa a estar nos procedimentos e não mais na instrumentalidade da razão. Por isso, “tem-se racionalidade comunicativa quando o falante competente se dispõe a chegar a um entendimento com o outro acerca de algo no mundo” (DEVECHI, 2009, p. 06).

Gomes (2006, p. 05), relaciona a racionalidade comunicativa à “capacidade e disposição dos sujeitos de expor-se à crítica e participar de processos de argumentação”. A argumentação pressupõe competência comunicativa e um agir orientado ao entendimento. Diante de uma situação em que a verdade de alguma afirmação encontra-se em xeque, cada participante do discurso deve ser capaz de lançar mão de argumentos que justifiquem suas ações, crenças e entendimentos.

Habermas, ao desenvolver a Teoria da Ação Comunicativa, tinha por objetivo desenvolver uma teoria que englobasse três elementos:

Um conceito de racionalidade comunicativa, [...] capaz de fazer frente às reduções cognitivo-instrumentais que se fazem da razão; um conceito de sociedade articulado em dois níveis, que associa os paradigmas de mundo da vida e sistema [...]; uma teoria da modernidade (HABERMAS, 2003a, p. 10).

Essa afirmação implica no entendimento de que através da Teoria da Ação Comunicativa seria possível compreender os processos de racionalização da modernidade, os processos de reprodução simbólica da sociedade e também os aspectos da socialização dos indivíduos. Em suma, tal análise revelaria os meios e os princípios da evolução da

sociedade, da cultura e dos processos de subjetivação.

Habermas entende que a evolução social depende de um processo de desenvolvimento concomitante e progressivo do indivíduo e da sociedade nos padrões de racionalidade. Trata-se, basicamente, da hipótese de uma homologia ontogenética. Para Bannwart Júnior (2008, p. 30), “a abordagem da teoria evolutiva de Habermas consiste em explicar a evolução dos padrões de racionalidade seja no plano filogenético seja no plano ontogenético”.

No primeiro plano, o filogenético, Habermas recorre à pragmática formal, demonstrando que a ação comunicativa e o agir orientado ao entendimento carregam a possibilidade de fundamentar os processos de socialização e de humanização dos indivíduos num ambiente social. No segundo plano, o ontogenético, Habermas recorre à psicologia e à sociologia do desenvolvimento, especialmente a Kohlberg, a Piaget e a Mead, procurando demonstrar os níveis progressivos de desenvolvimento moral e a correlação desse desenvolvimento com a estruturação da identidade individual do eu. Portanto,

a estratégia de Habermas, no âmbito próprio de sua teoria da evolução social, é associar a estrutura do processo de desenvolvimento ontogenético à estrutura da teoria da competência comunicativa. Desse modo e considerando que a competência comunicativa tem passagem obrigatória pela pragmática universal, num processo de interdependência com o desenvolvimento linguístico, cognitivo e interativo, Habermas sente-se impulsionado, por esse caminho, a levar adiante um dos pontos mais caros às filosofias sociais: o paralelo (homologia) entre desenvolvimento individual e social (BANNWART JÚNIOR, 2008, p. 34-35).

Desse modo, podemos compreender que, para Habermas, ao mesmo tempo em que, mediante processos de aprendizagem, o ser humano individual se desenvolve, também a sociedade evolui. Nesse processo evolutivo, a aprendizagem cumpre função proeminente e o agir comunicativo é a base que estrutura toda a evolução, tanto do indivíduo, quanto da sociedade. Ou seja, a evolução social implica na realização da racionalidade comunicativa.

a) Aprendizagem

Bannwart Júnior (2008) acrescenta o conceito de aprendizagem como fundamental no processo de análise da evolução social na perspectiva da ação comunicativa. Em Habermas, a capacidade de aprender é inerente ao sujeito e, ao mesmo tempo, está inscrita na própria dinâmica de evolução da sociedade. Constitui-se, desse modo, tanto num processo inerente ao sujeito quanto à sociedade. Ou seja, além da capacidade individual de aprendizagem, podemos perceber processos de aprendizagem que são da esfera social, “uma espécie de aprender evolutivo, capaz de superar e fomentar um novo princípio de organização com condições de responder aos desafios sistêmicos” (BANNWART JÚNIOR, 2008, p. 18) que as sociedades apresentam.

A principal aprendizagem necessária, num nível individual, consiste na aprendizagem da competência comunicativa. Esta implica na capacidade de os sujeitos interagirem comunicativamente com vistas a um consenso acerca de algo no mundo objetivo, subjetivo ou social.

Um sujeito é competente linguisticamente quando possui a capacidade para seguir e reconhecer o uso correto de uma regra e, também, como resultado, obter um consenso fundamentado, ou seja, reconhecer que a regra tem um significado idêntico validado intersubjetivamente (LONGHI, 2005, p. 19).

A aprendizagem individual capacita os sujeitos a agirem comunicativamente. Além disso, possibilita a configuração de identidades individuais mais condizentes com o mundo atual. Quanto mais capazes forem os sujeitos de se comunicar, de agir de modo comunicativo, maior possibilidade terão de desenvolver identidades do eu descentradas.

Como vimos acima, a sociedade também aprende. Um exemplo disso é a evolução social, como descrita anteriormente. Novos modos de organização social, de discernimento moral e de vida humana dependem de aprendizagens sociais e de ganhos de racionalidade.

b) Subjetividade e Intersubjetividade

Sob o prisma da racionalidade comunicativa, o sujeito do conhecimento passa a ser compreendido enquanto um sujeito de fala e de ação. Não é mais o sujeito monológico e auto-referente da modernidade. Mas um sujeito percebido sob o enfoque de uma intersubjetividade comunicativa. De acordo com Mendes (2007, p. 06), “a intersubjetividade é, nesse caso, entendida como uma condição inerente à situação humana (no mundo da vida) e, a linguagem, é o *médium* indispensável de sua interação”.

No horizonte de ação comunicativa, a subjetividade “já não mais constitui um tipo de auto-referência dada que opera internamente

(de dentro para fora), mas, antes, resulta do seu anverso, qual seja, da própria tessitura do mundo da vida que consolida a individualidade no entendimento mediado linguisticamente” (MENDES, 2007, p. 11). Assim, a individualidade forma-se em condições de reconhecimento intersubjetivo, no mundo da vida, mediante processo progressivo de auto-entendimento e de auto-realização.

c) Identidade do eu

A consciência de si dos diversos sujeitos, ou melhor, a noção de identidade do eu, consiste numa construção intersubjetiva e simbólica. Intersubjetiva porque o indivíduo se constitui no recurso à sociedade, e simbólica porque implica construção de sentido e de significados mediante a linguagem. Desse modo, podemos inferir que, “o sujeito, enquanto individualidade e identidade, desenvolve-se *pari passu* com as condições contingentes da interação social, orientando-se na competência de sua performance linguística, mediada intersubjetivamente” (MENDES, 2007, p.11).

Já comentamos anteriormente que, para fundamentar o processo de formação da identidade pessoal, Habermas recorre aos trabalhos de George H. Mead. A contribuição de Mead é essencial por que ele apresenta, em sua época, uma compreensão original acerca da subjetividade, deslocando-a para a esfera da intersubjetividade. De acordo com Biesta (1998, p. 74), “o importante é a revisão da forma mediante a qual nós considerávamos a relação entre subjetividade e intersubjetividade. O importante é a afirmação que a inter-

subjetividade precede a subjetividade sendo constitutiva dela”.

Para Mead a consciência de si emerge de um processo de reflexibilidade, de antecipação e de reação à atitude do outro. Esse processo é, inicialmente, gestual, progredindo, posteriormente, para uma estruturação simbólica mediante a interação social. De acordo com Biesta (1998, p. 83), “o gesto, tal como Mead o compreende, consiste na primeira fase no ato social”. A ação ou gesto de um indivíduo é estímulo para a reação ou resposta do outro.

Como vimos, a internalização do gesto do outro é o primeiro passo para a estruturação simbólica da interação social. A consciência, propriamente dita, emerge mediante um processo no qual um indivíduo reage à atitude ou ação do outro. Trata-se do processo de internalização da atitude do outro. Esse outro pode ser tanto um indivíduo concreto com o qual interagimos quanto um indivíduo genérico, como a sociedade, as leis, as convenções ou os modos de vida. Assim, a grande contribuição de Mead consiste na afirmação de que a subjetividade e a consciência são produtos da intersubjetividade e da interação social. Neste sentido, destaca Biesta:

Mead afirma que a interação social *precede e produz* consciência reflexiva. Isso é de importância crucial para captar o argumento central de Mead em direção a uma redefinição da interação social. Para ele, a interação social não é constituída a partir de autoconsciências individuais, mas pode ser pensada como uma matriz de ação cooperativa ou coordenada – portanto intersubjetividade prática – a partir da qual a consciência reflexiva emerge. O rompimento mediano da tradição da filosofia da consciência implica, portanto, na rejeição da compreensão da interação social centrada na consciência em favor de uma ação orientada ao entendimento (BIESTA, 1998, p. 91).

A mais importante implicação do argumento de Mead está centrada no reconhecimento de que nós somos inscritos numa matriz (*matrix*) intersubjetiva, numa rede de relações e de interações, a partir da qual emerge a consciência, a identidade individual e o mundo em geral.

d) Crítica às teorias de Habermas e de Mead

Evidentemente a construção teórica de Habermas não goza de unanimidade nos círculos filosóficos atuais. Não podemos negar sua capacidade de diálogo e, ao mesmo tempo, a coragem por incorporar, em suas teorias, as mais diversas contribuições das mais variadas áreas do saber. Entretanto, isso tem um preço. No caso específico, que temos pesquisado, a tentativa de Habermas para explicitar os fundamentos da formação da personalidade e, especialmente, sua ligação com George H. Mead, um conhecido pragmatista americano, tem gerado controvérsias.

McIntosh (1994) é contundente em sua crítica à Habermas, especialmente ao capítulo 5 da *Teoria da Ação Comunicativa*, no qual Habermas explica a origem e a natureza social do eu a partir dos aportes teóricos de Mead. McIntosh (1994, p. 01) apresenta, basicamente, três argumentos contrários à teoria habermasiana, a saber: primeiro, Habermas desenvolve, de modo descompromissado, a tese de que o eu (*self*) é inteiramente social e, particularmente, linguisticamente constituído; segundo, a análise do eu (*self*) é facilitada porque as noções de “*I*” e “*me*”, partes componentes do *self*, são as mesmas de muitas

outras literaturas disponíveis; terceiro, porque uma crítica a essa noção da constituição do *self* não foi ainda realizada adequadamente.

McIntosh insiste que o acento na visão social do eu é demasiado descontextualizado nos dias atuais, especialmente a tônica na linguagem. Neste sentido, afirma:

É verdade que a linguagem abre possibilidades não presentes antes, mais notadamente a capacidade para o pensar crítico e reflexivo, para novos níveis de comunicação e para mais profundas e ramificadas relações emocionais entre pessoas. Porém, a linguagem não cria a condição humana; em vez disso, permite uma decisiva ampliação, que possibilita isso. A linha divisória é importante o suficiente para merecer a metáfora dos dois mundos e dos dois egos. Porém, essa é somente uma metáfora: na realidade a pessoa humana vive em um mundo e possui um eu. A linguagem abre um novo hemisfério e um novo pólo em cada um (MCINTOSH, 1994, p. 28).

Entre os discípulos de Habermas podemos encontrar tentativas de retificar sua teoria, especialmente Axel Honneth. De acordo com Weber (2006), Honneth aborda o problema da formação do eu de um modo mais adequado do que Habermas. Neste sentido afirma: “embora o enfoque habermasiano mova-se na direção correta, ele não é inteiramente satisfatório porque não leva em conta, adequadamente, o modelo da negatividade na construção do ego” (WEBER, 2006, p. 326).

Considerações finais

Queremos, neste momento, apresentar a título de considerações finais, duas ideias básicas que podem ser percebidas no trabalho de pesquisa que realizamos. A primeira refere-se à importância ou pertinência do tema escolhido. A segunda, ao caráter e ao estado

atual de desenvolvimento da temática que escolhemos abordar.

Entendemos que a pertinência desse estudo reside no fato de que os projetos educacionais, tanto os teóricos quanto os que são efetivados mediante os currículos escolares, possuem fundamentação, pressupostos antropológicos, epistêmicos, éticos, estéticos e sociais que os configuram e norteiam. Desse modo, pensar a questão da subjetividade e da identidade implica refletir acerca de dois supostos importantes que dão sustentação à práxis pedagógica.

Estabelecer uma leitura da educação a partir dos referenciais da ação comunicativa é um bom exercício para romper o viés reducionista com que se tem tratado os processos de ensino e de aprendizagem. De acordo com Zaslavsky, no campo educacional, normalmente,

apenas a dimensão objetiva do mundo da vida (a tradição cultural) é contemplada, esquecendo-se das normatizações sociais e da expressão da personalidade, e ainda sob a ótica objetivante do sistema. Em linhas gerais, tudo que faz referência à participação, estabelecendo o espaço público no sentido clássico, é esquecido, o que esclarece novamente o teor instrumental da racionalidade vigente (ZASLAVSKY, 2006, p. 03).

Desse modo, pesquisar, refletir e escrever sobre os processos de subjetivação, sob a ótica da ação comunicativa, remete a algo necessário no campo da educação: romper com os discursos prontos, com o repertório instrumentalizador e aventar colocar em cena novos conceitos, novos modos de pensar a constituição da personalidade, da cultura e da sociedade.

A segunda reflexão diz respeito ao caráter e ao estado atual de nossa pesquisa. Nesse sentido, entendemos que o tema da construção da identidade em contextos comunicativos a partir dos aportes teóricos de Jürgen Habermas e de George Herbert Mead, constitui-se num tema pouco corrente na literatura nacional. Existem vários trabalhos focados na Teoria da Ação Comunicativa, que analisam a escola sob o enfoque da racionalidade comunicativa e do agir comunicativo. Entretanto, não encontramos texto ou estudo específico que aprofunde o recorte temático a partir do qual estamos operando.

Além disso, a produção nacional acerca do tema mencionado é exígua se comparada à produção existente em língua inglesa. Bancos de periódicos internacionais apontam grande quantidade de referências a Habermas e a Mead, especialmente os periódicos americanos. Também são fartas as referências a esses autores quando pesquisados individualmente. A grande dificuldade é que esses textos não se encontram em língua portuguesa, o que explicaria, mesmo que grosseiramente, a pouca capilaridade do tema em estudos realizados no Brasil.

Diante disso, percebemos que nosso recorte temático possui algo de inédito, visto a inexistência de escritos específicos sobre o mesmo em periódicos nacionais. Os principais bancos de dados, tanto da CAPES, quanto da ANPED, não contêm escritos significativos que aprofundem o recorte temático que realizamos. Entendemos que este tema, como aqui delimitado, foi pouco aprofundado até o presente momento, merecendo melhor

abordagem no futuro. Para tal, cremos ser necessário trazer à cena, além dos textos clássicos de Habermas e de Mead, as principais contribuições de especialistas internacionais mediante o acesso a periódicos externos.

Referências

BANNWART JÚNIOR, Clodomiro José. **Estruturas normativas da teoria da evolução social de Habermas**. Campinas: Tese Doutorado/UINICAMP, 2008. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000439786>> Acesso em: 26 abr. 2010.

BIESTA, Gert J. J. Mead, intersubjectivity, and education: the early writings. **Studies in Philosophy and Education**, Springer Netherlands, v. 17, n. 2-3, p. 73-99, jun. 1998. Disponível em: <<http://www.metapress.com/content/p2437140t885hh20/fulltext.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2010.

DEVECHI, Catia Piccolo Viero. **A racionalidade comunicativa de Habermas e a possibilidade contemporânea de crítica e de objetividade nas pesquisas em educação**. 32ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/index.html>> GT 17. Acesso em: 15 mar. 2010.

GOMES, Luiz Roberto. **O consenso como perspectiva de emancipação: implicações educativas a partir da teoria da ação comunicativa de Habermas**. 29ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/29portal.htm>> GT 17. Acesso em: 15 mar. 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa, I: racionalidad de la acción y racionalización social**. 4.ed. Madrid: Taurus, 2003a, v.1.

_____. **Teoría de la acción comunicativa, II: crítica de la razón funcionalista**. 4.ed. Madrid: Taurus, 2003b, v. 2.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LONGHI, Armino José. **A ação educativa na perspectiva da teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas: uma abordagem reflexiva**. Campinas: Tese Doutorado/UINICAMP, 2005. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000361246>> Acesso em: 26 abr. 2010.

McINTOSH, Donald. Language, self, and lifeworld in Habermas's theory of communicative action. **Theory and Society**, v. 23, n. 1, p. 1-33, feb. 1994. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/j3311788716088r2/fulltext.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2010.

MEAD, George Herbert. **Mind, self, & society: from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. (Works of Georg Herbert Mead, v1).

MENDES, Vitor Hugo. **O sujeito da educação no horizonte da intersubjetividade comunicativa**. In: 30ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm>> GT 17. Acesso em: 15 mar. 2010.

ZASLAVSKY, Alexandre. **Racionalidade comunicativa e interação pedagógica: em busca de mediação**. 29ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/29portal.htm>> GT 17. Acesso em: 15 mar. 2010.

WEBER, Bryce. Negative autonomy and the intuitions of democracy. **Philosophy & Social Criticism**, Boston College, v. 32, n. 3, p. 325-346, 2006. Disponível em: <<http://psc.sagepub.com/cgi/content/abstract/32/3/325>>. Acessado em: 5 mai. 2010. (Academic Search Premier, EBSCOhost).

*Artigo submetido em abril de 2010.
Aceito em junho de 2010.*